



Resgate de saberes populares sobre a muta (*Blepharocalyx* sp) alimento nativo que nunca chegou ao cultivo

*Rescue of Popular Knowledge about the muta (*Blepharocalyx* sp), native food that never made to farming*

PACHECO, Acácio de Andrade¹; FREITAS FILHO, Davi Goveia de²; SANTOS, Pedro Paulo dos³; LOPES, Ronielle de Azevedo⁴
LIMA, Mateus da Costa⁵; SILVA, Lucas Batista da⁶;

¹IFPA, Campus Rural de Marabá, acacioexper@hotmail.com; ²IFPA, Campus Rural de Marabá, davigffilho@gmail.com; ³IFPA, Campus Parauapebas, pedro.santos@ifpa.edu.br; ⁴IFPA, Campus Rural de Marabá, ronnielly.azevedo@ifpa.edu.br; ⁵IFPA, Campus Rural de Marabá, mateuscrmb@gmail.com; ⁶IFPA, Campus Rural de Marabá, Lucaslbdsg3@gmail.com

Tema Gerador: Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo

A “muta” (*Blepharocalyx* sp.) é um vegetal, cujo o fruto é de reconhecida apreciação pelos habitantes das comunidades tradicionais do sudeste do Pará. Entretanto, este arbusto não é cultivado, por ser considerado uma espécie vegetal invasora de pastagens. Assim, o objetivo deste trabalho foi conhecer saberes dos agricultores referentes a biologia e a utilização da espécie em estudo. Por meio da análise do discurso, foi possível descrever a partir dos discursos dos agricultores, informações botânicas, ecológicas, ambientais e socioculturais associados à “muta”. Ao fim, percebemos o potencial agroecológico da espécie.

Palavras-chave: Muta, *Blepharocalyx*, Amazônia, sudeste do Pará.

Abstract

The “muta” (*Blepharocalyx* sp.) Is a vegetable, the fruit of which is appreciated by the inhabitants of the traditional communities of southeastern Pará. However, this shrub is not cultivated because it is considered a pasture species. Thus, the objective of this work was to know farmers’ knowledge about the biology and the use of the species under study. Through discourse analysis, it was possible to describe, from the farmers’ discourses, botanical, ecological, environmental and sociocultural information associated with the “muta”. At the end, we perceive the agroecological potential of the species.

Key words: Muta, *Blepharocalyx*, Amazon rain forest, southeastern Pará state.

A Amazônia possui uma elevada variedade de frutas silvestres utilizada pela fauna local para sua alimentação e também por diferentes comunidades humanas tradicionais. Este patrimônio biológico e cultural encontra-se ameaçado de extinção, tanto pelo desmatamento quanto pela lógica do capital, que tem favorecido o monocultivo com baixa variabilidade genética.



A partir da década de 60 (sessenta) a região sudeste do Pará, caracterizou-se por receber grandes empreendimentos, que contribuíram para a mudança na paisagem da região, com o desmatamento e a intensa fragmentação de ecossistemas naturais. Este Contexto contribuiu para a alteração da dinâmica populacional de algumas espécies nativas, e perda da variabilidade genética (LAURANCE, 2011).

Assim, observa-se o enfraquecimento das relações de pessoas com as florestas e a perda de saberes tradicionais associados a biodiversidade, antes mesmo que esta seja conhecida (PESCE, 2009); (ABRANTES, 2002). Além disso, somos executores de uma onda acelerada de extinção da vida nativa, não obtendo o conhecimento real de tudo o que está sendo devastado, nem de todas as possibilidades que estamos perdendo (VIVEIROS DE CASTRO e FERNANDEZ, 2004).

Conforme Primack e Rodrigues (2002) é importante entender que o valor da diversidade biológica vai além dos aspectos econômicos e de serviços ambientais por ela prestados, atingindo dimensões relacionadas a segurança alimentar, aprendizado, *pool* genético, cultura entre outras.

O resgate dessas frutíferas e dos saberes tradicionais associados, torna-se relevante para a soberania e a segurança alimentar, uma vez que existe uma demanda constante por uma alimentação variada e nutritiva. Este resgate pode trazer informações a respeito de adaptações biológicas importantes para garantir considerável resistência a predadores naturais e possíveis mudanças climáticas.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo resgatar elementos dos saberes tradicionais relacionados com a “muta” (*Blepharocalyx* sp) com intuito de melhor entender as percepções dos agricultores de diferentes assentamentos da região sudeste do Pará, sobre *Blepharocalyx* sp, na perspectiva de proteção e valorização da biodiversidade local. Diante das potencialidades dessas plantas, a “muta” amazônica apresenta-se como um recurso a ser estudado, sendo propostas novas tecnologias e inovações para seu aproveitamento nas comunidades locais.

Metodologia

Esta pesquisa foi desenvolvida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, *Campus* Rural de Marabá, localizado em uma área de 354 ha, localizado no Projeto de Assentamento 26 de Março, a aproximadamente 28 km da cidade de Marabá, Estado do Pará.



O Campus Rural de Marabá do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará é antiga Escola Agrotécnica de Marabá, originário da mobilização social dos povos do campo e suas entidades de representação por Reforma Agrária e pela constituição de condições favoráveis ao desenvolvimento e sustentabilidade da produção familiar no sudeste paraense.

Este estudo foi realizado na Mesorregião Sudeste do Pará predominantemente nos municípios de Marabá, Eldorado dos Carajás, Parauapebas e Tucuruí, Breu Branco (Figura 01).

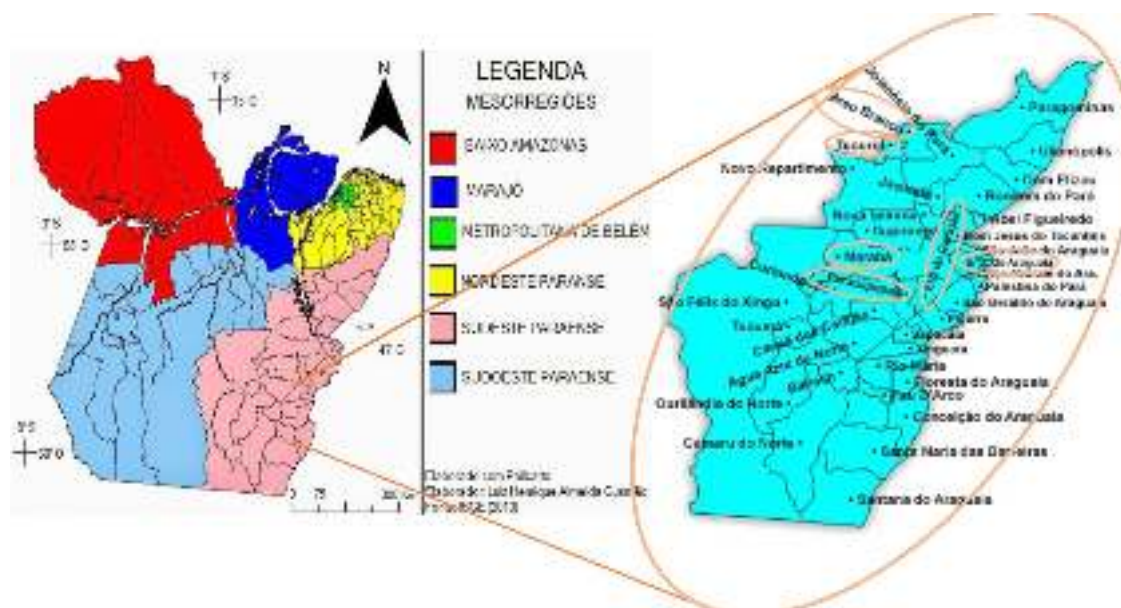


Figura 01- Localização dos municípios da Região Sudeste do Pará.

Fonte: IBGE, 2010.

Nesta pesquisa, os sujeitos participantes são representados por agricultores familiares de diferentes assentamentos e povoados do sudeste do Pará, definidos a partir da indicação prévia de estudantes do Curso Técnico em Agropecuária do Campus Rural de Marabá do IFPA. A partir dessas indicações foram realizadas visitas nesses imóveis com a intenção de confirmar a presença da espécie em estudo e realizar entrevistas com os agricultores proprietários dos imóveis a respeito da “muta”. Por entender que estes agricultores ainda guardam fortes relações com a flora e a fauna silvestre, para fins alimentares, medicinais, religiosos e outros.



Figura 2: “Muta” nativa em campo. Em A ocorrência de indivíduos em meio a pastagens; em B indivíduo com frutos maduros; em C frutos maduros.

Fonte: Santos, 2016.

Buscando compreender os saberes dos agricultores sobre a “muta”, foi realizada uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, utilizando-se de entrevistas orientadas como instrumentos de coleta de dados. Neste processo, as falas dos agricultores foram analisadas buscando entender, a partir destas os limites explicativos sobre o objeto em estudo, partindo do pressuposto que as falas dos sujeitos contém elementos significativos da percepção dos agricultores.

Resultados e discussão

A partir das observações em campo e das entrevistas, destacamos as principais falas dos agricultores contendo saberes referentes a “muta”. A partir destes instrumentos, seguem abaixo os principais relatos dos entrevistados, seguidos de suas análises quanto ao potencial do fruto da “muta” amazônica (*Blepharocalyx* sp.):

“Olha eu mesmo não gosto porque desde de cedo eu não gosto de coisa azeda devido aos meus dentes, mas aqui quando essas frutas tão botando fica é fila de carro parando pra pegar elas pra comer” (Raimunda do Assentamento Sabino São Pedro-Marabá-PA).



No discurso acima, percebemos a descrição das propriedades organolépticas da bioquímica do fruto: “azedo”, assim como a relação dessa característica com a sensibilidade dentária e do sistema estomatognático. Logo, a ingestão da fruta estaria diretamente relacionada às possíveis alterações nesses sistemas fisiológicos. Além disso, apesar da agricultora não apreciar a fruta devido o sabor azedo associado a sensibilidade de seus dentes, verifica-se que existe uma aceitação da fruta por muitas pessoas, evidenciando a procura pelo fruto *in natura* e que suas propriedades organolépticas são atrativas.

“A murta é uma fruta azedinha e vermelha parece a acerola, já vi florando nos meses de dezembro.” (Antonio da Lucia – Pitinga – Breu Branco-PA)

Nesta fala são perceptíveis conhecimentos relacionados à morfologia da planta e sua fenologia, sabendo reconhecer quando o fruto está maduro e apropriado para o consumo.

“Quando criança eu comia de mais, perto dos riachos tinha de mais, mas quase não vejo mais” (Expedito Dade - Tucuruí- PA).

“Rapaz da uma pena de cortar um pé de murta, uma frutinha tão boa” (Manuel do Zé Pedro).

“Com o desmatamento e pastagens ela foi sumindo é difícil ver um pé” (Deroci – São Domingos do Araguaia- PA).

Nestes relatos, percebemos alguns conhecimentos populares referente a ecologia da murta amazônica (*Blepharocalyx* sp.), uma vez que a distribuição das populações se dá, geralmente, nas margens de rios. Assim como o potencial da espécie para a segurança alimentar, considerando sua oferta na planta-mãe e a capacidade de saciação.

Outra verificação a respeito da “murtá” é que este alimento já não faz parte da dieta do agricultor, sugerindo que essa mudança ocorreu devido ao desaparecimento das populações dos seus locais nativos ao longo dos anos ou pela própria degradação das margens dos rios, devido à redução ou desaparecimento das matas de galeria e ao assoreamento dos mesmos. Apesar de sutil, podemos constatar a participação da planta na vida do homem, estando no seu dia-a-dia desde a infância.

“É bom de mais, tinha um pé aqui e para não estragar fiz um suco que é bom de mais” (Kennedy – Assentamento 26 de Março, Marabá - PA).

Acima, percebe-se a aplicação do fruto de modo alternativo, tal como na produção de refrescos. Este relato pode indicar o potencial da planta para produção comercial, uma vez que possui aceitação como bebida açucarada.



“Isso aí é uma praga para o pasto, não tem que dê conta de roçar, brota e é dura pra cortar” (Sávio – Marabá - PA).

Acima é atribuído mais um adjetivo ecológico da espécie, invasora. As plantas invasoras são aquelas de elevada produção primária e que se expandem e colonizam áreas em fase inicial de sucessão ecológica (GONÇALVES & LORENZI, 2007).

Algumas espécies invasoras são exóticas, o que não é o caso da murta amazônica. Também percebemos a forma de propagação vegetativa que talvez a espécie contenha, possivelmente, presente em sua porção subterrânea. Esse tipo de reprodução é particularmente comum em plantas invasoras de pastagens (SOUZA, 2009). O entrevistado ainda completa sobre a rigidez do caule, o qual é resistente ao corte. Provavelmente trata-se de uma estrutura bastante lignificada e ou suberificada em suas porções inferiores (SOUZA, 2009).

Considerações finais

Apesar de ser uma fruta nativa que tem o extrativismo esporádico como principal forma de exploração, o agricultor ainda detém saberes sobre o período de frutificação, sabor, aroma, processamento, adaptação, e relações de conflito.

É fundamental que este saber sobre essas frutíferas seja sistematizado e que os agricultores tenham consciência destes conhecimentos populares associados a “muta” e a outras frutíferas, uma vez que o conhecimento sobre o uso e aproveitamento de plantas nativas da Floresta Amazônica como alimento é importante para ações de conservação das espécies, dos saberes tradicionais e também para ações de bioprospecção.

Referências

ABRANTES, J. S. **Bio (sócio) diversidade e empreendedorismo ambiental na Amazônia**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

GONÇALVES, E.G., LORENZI, H. **Morfologia vegetal**: organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2007.

LAURANCE, William. F. et al. **The fate of Amazonian forest fragments: A 32-year investigation**. Biological Conservation, v144, p. 56-67, 2011.

PESCE, C. **Oleaginosas da Amazônia**. 2ª ed. (revisada e atualizada). Belém: MPEG/ Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 7



Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais

PRIMACK, R. B.; RODRIGUES, E. **Biologia da conservação**. Londrina: Editora Vida, 2001.

SOUZA, L.A. (org.). **Morfologia e anatomia vegetal**: célula, tecido, órgãos e plântulas. 1ª ed. rev. e ampliada. Ponta Grossa: UEPG, 2009.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B.; FERNANDEZ, F. A. S. **Determinants of differential extinction vulnerability of small mammals in Atlantic Coastal fragments in Brazil**. Biological Conservation, n. 119, p. 73-80, 2004.